



III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE A MEMÓRIA SOCIAL DE MATARANDIBA

Renata Freitas Machado¹

INTRODUÇÃO

A memória é uma categoria que tem provocado indagações em diversas áreas do conhecimento. Nos estudos realizados no campo das ciências sociais são enfatizados os conceitos de retenção, esquecimento e seleção. Na antropologia a memória foi eleita como um elemento importante para compreensão da constituição de práticas do presente. **A memória é uma reconstrução feita no presente a partir das experiências do passado e essa reconstrução se dá através da dialética da lembrança e do esquecimento.** Só ocorre registro quando há esquecimento. Nesse ponto a cultura exerce um importante papel na seleção daquilo a ser registrado, funciona como um filtro selecionando aquilo que é importante e útil para cada indivíduo. “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente.” (HALBWACHS, 1990, p.71)

Este trabalho propõe identificar e compreender os processos envolvidos na reconstrução da memória coletiva da Vila de Matarandiba, através da constituição de um memorial comunitário. Matarandiba é uma pequena vila de pescadores e marisqueiras, localizada no município de Vera Cruz - BA, situada a 26 km de Mar Grande (sede administrativa do município). De características simples e tradicionais, os moradores da vila sobrevivem basicamente das atividades relacionadas à pesca e à mariscagem.

A constituição do memorial é uma ação promovida pela Associação Sócio-Cultural de Matarandiba – ASCOMAT, criada em 2008 a partir da mobilização dos moradores locais com vistas a fortalecer sua identidade cultural, aparentemente ameaçada pela crescente inserção da vila nos processos de modernização, assim como o processo de evangelização neo-pentecostal.

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia Ciências Humanas da UFBA, graduada em Comunicaçã – Produção em Comunicação e Cultura pela Faculdade de Comunicação da UFBA. E-mail: renata.freitas@ufbabr

A constituição do Memorial surge com o objetivo principal de resgatar e registrar as lembranças da comunidade, evitando as crescentes ameaças representadas pelo esquecimento. **O memorial atenderá aos objetivos de reunir e inscrever em memória passível de resgate público os acontecimentos históricos valorizados pelos moradores locais, a vida cotidiana, as relações estabelecidas entre as pessoas, os lugares, os espaços, os objetos, o trabalho e o lazer.** “Habitar- se o espaço da memória é conviver-se com memórias coletivas, individuais e sociais negociadas, e não simplesmente, domesticar-se um território vazio e opaco, lugar de reativação de tradições perdidas ou da nostalgia do passado” (ROCHA e ECKERT, 2005, p. 117).

Neste artigo o objetivo principal é apresentar os pressupostos etnográficos e problematizá-los com base na bibliografia sobre o tema, ou seja, este ensaio agrega as primeiras indagações do trabalho de campo.

TRABALHO DE CAMPO, TEORIA E CONSTRUÇÃO DA ETNOGRAFIA

Lembro da costura, ou talvez da tecelagem, quando penso na memória, as pessoas ao longo da vida tecem suas lembranças individuais e reconstituem paulatinamente a memória coletiva. Primeiramente, convém destacar a minha relação com a comunidade. Sobretudo estabeleço com a Vila uma relação de pertencimento, pois minha família materna nasceu na vila, meu avô era pescador local e sempre convivi com a maioria dos moradores da comunidade. Cresci ouvindo as histórias contadas por minhas tias de como era a infância na pequena vila de pescadores. Sendo assim, o objetivo em questão é tentar entender os costumes do meu próprio grupo como se fosse alguém que não convivesse ou que fizesse parte do mesmo, ou seja, transformar o familiar em estranho. “De tal modo que vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico” (ROBERTO DA MATA, 1978, p.28).

Em outro sentido, mesmo transformando o familiar em exótico, não há como evitar ser afetada por algo que afeta os nativos, por conta da relação que estabeleço com a comunidade. A noção de afetação trazida por Favret Saada (2005) difere da ideia de empatia, cuja acepção é “experimentar de uma forma indireta, as sensações, percepções e pensamentos do outro” (FAVRET - SAADA, 2005, p.5). Apresenta-se também de maneira diferente de ser afetado pelas mesmas forças que afetam o nativo; identificar-se com o outro. Para a autora ser afetado possibilita principalmente estar no lugar acessível a uma comunicação involuntária e desprovida de intencionalidade que na maioria das vezes é descartada nas etnografias. Nessa

perspectiva, Goldman (2006) aponta que o afeto não é o mesmo no antropólogo e nos nativos, mas por estarem todos afetados cria-se uma situação de comunicação interativa.

Sendo assim, pretendo trabalhar com a concepção de experiência trazida por Favret Saada e Goldman. Os autores colocam sob suspeita o método de observação participante por ser um conceito muito ocidental e ao mesmo tempo extremamente racionalista. As considerações de Favret-Saada e Goldman contribuem de maneira muito significativa para o trabalho de campo. Ser afetado, que é completamente diferente de colocar-se embaixo da pele do outro, é uma forma de compreender o trabalho de campo através da experiência que permite diminuir a distância entre o pesquisador e o “informante”.

É a partir do diálogo entre o conhecimento nativo e o conhecimento do pesquisador que se compõe o trabalho do antropólogo. Através da simetria desses conhecimentos que se constrói a etnografia. Nesse sentido, Peirano afirma: “As impressões de campo não são, portanto, apenas recebidas pelo intelecto, mas exercem um verdadeiro impacto na personalidade total do etnógrafo, fazendo com que diferentes culturas se comuniquem na experiência singular de uma única pessoa” (PEIRANO, 1995, p.08). Para Peirano (1995), na antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve.

[...] o lugar da pesquisa de campo no fazer da antropologia não se limita a uma técnica de coleta de dados, mas é um procedimento com implicações teóricas específicas. Se é verdade que técnica e teoria não podem ser desvinculadas, no caso da antropologia a pesquisa etnográfica é o meio pelo qual a teoria antropológica se desenvolve e se sofisticada, quando desafia os conceitos estabelecidos pelo confronto que se dá entre (i) a teoria e o senso comum que o pesquisador leva para o campo e (ii) a observação entre os nativos que estuda. (PEIRANO, 1995, p. 08)

Enquanto método, farei uso da observação participante que possibilita “Aprender o ponto de vista do nativo, sua relação com a vida, compreender sua visão do seu mundo” (MALINOWSKI, 1975, p. 60-61).

A VILA DE MATARANDIBA

Além de uma apresentação prévia sobre a vila, do ponto de vista econômico e sociocultural, também é importante fazer uma breve descrição histórica. Tal descrição tem por objetivo elucidar o processo de re-valorização e fortalecimento cultural e identitário que os moradores locais vêm experienciando como grupo.

O mapeamento de produção e consumo local realizado em 2008² caracteriza a vila como composta por 134 famílias e 479 pessoas. A renda *per capita* mensal é de R\$ 167,75, e a renda familiar é de R\$ 590,48. No que se refere à educação, a comunidade conta apenas com duas escolas voltadas para o ensino fundamental. A vila apresenta baixo índice de analfabetismo, 14% dos moradores têm o segundo grau completo e 0,9% tem superior completo, indicando uma média de poucos anos de estudo. (ECOSMAR, 2008)

O início da década 1970 é marcante para os moradores de Matarandiba, quando a descoberta de depósitos de salgema pela Dow Química (empresa de origem norte-americana) traz mudanças estruturais para a comunidade (no que se refere à acessibilidade e criação de postos de trabalho). A Companhia nesse período constrói uma estrada ligando a Ilha de Matarandiba a Ilha de Itaparica, realizando um grande aterro marítimo que alterou profundamente o curso natural da água do mar na localidade. Os impactos ambientais oriundos desse aterramento até hoje não foram apropriadamente avaliados, no entanto é comum ouvir dos pescadores que algumas espécies marinhas deixaram de ser encontradas na região de pesca. No que se refere à criação de posto de trabalho, estes, até hoje são temporários e em atividades que demandam trabalhadores com menores qualificações e remuneração de mais baixo nível.

Uma terceira observação que deve ser destacada foi à aquisição de terrenos pela Empresa que correspondem a 900 hectares da área total da Ilha de Matarandiba, incluindo o trecho que compreende a vila dos pescadores. Este fato tem repercussões diretas sobre o atual déficit de habitação local, uma vez que os terrenos a serem usados para a expansão de habitações foram apropriados pela Empresa. Faz-se, assim, necessário compreender as repercussões que essas transformações tiveram sobre a vida dos moradores locais, que experimentaram ainda a crescente demanda por habitações de lazer por parte de veranistas e outros habitantes temporários e do controle de acesso através de portão e guarita guarnecida para controle da estrada. Neste ponto interessa-nos compreender, como as identidades das coisas são preservadas através da mudança, assim como afirma Sahlins (1990).

A questão é identificar, compreender e explicar os significados da exclusão econômica, social, político-participativa experimentada pelas populações tradicionais da vila desde a década de 1970 e qual a participação deste sentimento no processo de reação representado pela revalorização do patrimônio da comunidade.

Seguindo o caminho inverso que tende a massificar e a padronizar - oriundo das transformações capitalistas - a comunidade atualmente vem passando por um processo de valorização e resgate da cultura local, primeiramente com a criação de uma associação cultural,

² O Mapeamento foi realizado em 2008 pelo Projeto de Economia Sustentável e Solidária de Matarandiba (ECOSMAR), através da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Desenvolvimento Territorial - ITES da Escola de Administração da UFBA.

e, em seguida, com a retomada de manifestações culturais da comunidade, a exemplo de autos, músicas e danças populares como “Zé do Vale”, “Terno de Reis” e “Samba de Roda”. Neste sentido retomamos a afirmação de Sahlins (2007), identificando aí um processo de autoconsciência cultural, uma afirmação de uma continuidade cultural. Que na maioria das vezes, segundo o autor, é vista pelos intelectuais do ocidente como espúrias. Ao processo de continuidade cultural é creditado uma decadência: recuperação artificial que só pode produzir simulacros de um processo morto. No entanto, o renascimento cultural vivenciado na Europa jamais foi considerado artificial ou simulacro de uma realidade (SAHLINS, 2007). Nesse sentido um dos objetivos do projeto é caracterizar, compreender e explicar o papel que desempenha o resgate e re-criação das manifestações culturais tradicionais para o fortalecimento da identidade local.

É possível também pensar as recentes retomadas culturais (tanto as de caráter nacionalistas ou no caso de comunidades tradicionais) do ponto e vista de uma “invenção das tradições”? Hobsbawm (1984) entende o termo enquanto um conjunto de práticas reguladas ou claramente aceitas de caráter ritual ou simbólico, cuja finalidade é inculcar valores e normas de comportamento através da repetição (HOBSBAWM, 1984). O autor afirma que “toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal.” (HOBSBAWM, 1984, p 21) Nesse sentido, para ele, o estudo dessas tradições possibilita compreender principalmente as relações estabelecidas dos grupos com o passado.

A memória garante um sentimento de pertencimento a uma comunidade ou um lugar e se constitui como um importante objeto de luta hegemônica. A tomada de decisão com relação aos acontecimentos, comemorações e personagens que devem ou não ser lembrados para a construção de uma memória histórica é motivo de negociações que são subordinadas a poderosos elementos de dominação. “Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladoras desses mecanismos de manipulação da memória.” (LE GOFF, 1990, p.368). Nessa perspectiva, pode ser observado na Vila de Matarandiba o papel que alguns grupos exercem, mesmo sendo um local muito pequeno, existe um processo de disputa que perpassa a relação comunitária. A vila possui atualmente, além de uma Associação de Cunho Cultural, uma Associação Comunitária (ASCOMA), fundada também em 2008 por alguns moradores locais que estavam insatisfeitos com as lideranças.

As duas associações fazem parte da Rede de Economia Solidária e Sustentável de Matarandiba (Projeto ECOSMAR). A rede, iniciada em 2007, comporta, além das associações, outros empreendimentos de caráter solidário, a exemplo do Banco Comunitário de Desenvolvimento Ilhamar (responsável pela moeda circulante local, a Concha), o Infocentro

Comunitário de Matarandiba, o Grupo de Produção Agroecológica de Produção de Alimentos, dentre outros empreendimentos. O projeto ECOSMAR é uma iniciativa da Incubadora Tecnológica de Economia Solidária e Gestão do Desenvolvimento Territorial da Escola de Administração da UFBA, cujo financiamento é de origem da empresa Dow Química. O objetivo é a criação de empreendimentos coletivos solidários que possibilitem a promoção do desenvolvimento local sustentável de Matarandiba. (PROJETO ECOSMAR, 2007)

É perceptível a disputa pelo poder político entre as duas associações. A partir desse contexto foi pensado o objetivo principal desse estudo, ou seja, compreender, caracterizar e explicar *como os diferentes sujeitos sociais articulam a lembrança e o esquecimento para construção da memória social, enquanto campo de disputas*.

Dentre outras características da vila, é importante pontuar o papel das mulheres nas recentes retomadas culturais. A associação cultural é gerida por uma mulher e mais da metade dos sócios (a) são mulheres. As manifestações culturais existentes têm a maioria feminina, aos homens compete o papel de tocadores (músicos). Tais características são fruto da “divisão sexual do trabalho e das ideologias de gênero dominantes quanto às atividades, espaços de atuação e comportamentos próprios destinados às mulheres” (SARDENBERG, 1998, p.161). Era responsabilidade dos homens prover a alimentação da família principalmente através da pesca, tal atividade os mantinham distantes por mais tempo do convívio no interior da vila. Sardenberg (1998) afirma que uma atuação social diferente de homens e mulheres produz “experiências distintas, a partir do qual se constroem memórias distintas” (SARDENBERG, 1998, p.161).

Também é importante ressaltar a forte presença da cultura negra na vila. Mesmo Matarandiba podendo ser considerada uma comunidade negra, a identidade negra aparece em segundo plano. Geralmente as lideranças tomam como base de reivindicação as questões de classe. Este fenômeno é muito bem descrito por Sansone (2004) no estudo realizado sobre a identidade negra baiana de alguns bairros da periferia de Salvador. O autor afirma que há um sentimento fraco de “comunidade negra” em contraposição a uma cultura negra forte (SANSONE, 2004).

A associação responsável pelas retomadas, assim como os grupos culturais, atraem pessoas com mais idade. Apesar de algumas iniciativas que buscam atrair um público mais jovem, a exemplo do samba de roda mirim, há uma faixa etária menos interessada nas tradições culturais dos avós e pais. Enquanto os pais e avós dançam o samba de roda é o pagode que atrai com mais frequência esses jovens. A atração musical mais apreciada pelos jovens da vila, assim como em outros bairros periféricos da região metropolitana, é a “quebradeira”. O estilo musical orienta o jeito do cabelo, a postura, os gingados e a maneira de

falar. Em Matarandiba, alguns jovens formaram um grupo musical de pagode, intitulado “*Os Caras de Pau*”, que geralmente se apresenta nas comemorações e festas na vila e em localidades vizinhas. “Dentro da cultura, a marginalidade, embora permaneça periférica em relação ao *mainstream*, nunca foi um espaço tão produtivo quanto é agora, e isso não é, simplesmente uma abertura, dentro dos espaços dominantes, é a ocupação dos de fora.” (HALL, 2003, p. 338)

O pagode é um estilo musical que converge com os estereótipos sobre negros que a mídia e a indústria cultural, geralmente, propagam pelo mundo inteiro. Uma imagem fortemente ligada à sensualidade da mulher negra e da virilidade do homem negro. Além desses estereótipos é comum nas canções do chamado “pagodão” letras que rebaixam a imagem da mulher, além do estímulo à violência contra a mulher. Por outro lado, esses novos estilos podem ser percebidos enquanto resposta a falta de status e de oportunidades que a juventude negra geralmente sofre nas periferias da diáspora. Mas é claro, não descartando que essas canções possuem como contexto e é resultado de uma sociedade machista e patriarcal.

Segundo Hall (2003), as diversas experiências históricas vivenciadas na diáspora contribuem para repertórios culturais alternativos. Não é possível identificar uma homogeneidade nas experiências. As identidades negras estão sempre em negociação com outras diferenças – de gênero, classe e sexualidade. O objetivo é compreender quais reportórios culturais resultarão dessas diversas experiências. É nesse ponto que o olhar etnográfico será de extrema importância por permitir esse diálogo entre as categorias do nativo e do pesquisador. Esse diálogo possibilita compreender de que maneira as categorias, identidade e cultura negra estão dispostas no discurso do nativo. Do ponto de vista nativo o que caracteriza uma comunidade negra fato?

De acordo com Sansone (2004), a nova identidade negra se baseia principalmente na consciência da cor, no orgulho negro e nos aspectos mais tradicionais da cultura negra. Esses aspectos tradicionais se traduzem através da prática da capoeira, no culto do candomblé, no afro-reggae, no samba de roda, dentre outros aspectos. Nessa perspectiva, é possível afirmar que o pagode contraria esses aspectos mais tradicionalistas.

[...] Na cultura popular negra, estritamente falando, em termos etnográficos, não existem formas puras. Todas essas formas são sempre o produto de sincronizações parciais, de engajamentos que atravessam fronteiras culturais, de confluências de mais de uma tradição cultural, de negociações entre posições dominantes e subalternas, de estratégias subterrâneas de recodificação e transcodificação, de significação crítica e do ato de significar a partir de materiais preexistentes. Essas formas são sempre impuras, até certo ponto hibridizadas a partir de uma base vernácula. (HALL, 2003, p. 343)

Convém também observar que esses aspectos mais tradicionais, considerados mais puros dessa identidade negra, se caracterizam segundo Sansone (2004), no caso específico da Região Metropolitana de Salvador, de maneira episódica ou em momentos ritualísticos. Além disso, tais elementos mais “puros” da cultura negra, hoje mais consagrados e valorizados em outros âmbitos da sociedade, outrora foram rechaçados e estigmatizados historicamente.

É difícil não surpreender amarga ironia ao contemplar a distância e irredutibilidade da experiência popular, representada nos pagodes, da perspectiva das subjetividades bem intencionadas de classe média, que vêm, mais uma vez, no samba barbarismo. Configurando o drama da alienação, como experiência racial e de classe, que parece operar sob figurino plenamente colonial. (PINHO, 2011, p. 05)

Não só o pagode é extremamente estigmatizado, como também contraria o que poderia ser considerado pelo senso comum enquanto valorização da identidade negra e de uma consciência da cor.

Como base na sensibilidade etnográfica e na identificação subjetiva, reconheceria o samba, o pagode e o funk, como discursos autônomos de representação da experiência popular racializada, da vida dos bairros pobres, periferias e "guetos". O sexo e corpo sempre foram aspectos centrais dessas políticas vernáculas de representação. (PINHO, 2011, p. 06)

No entanto, apesar da autenticidade dessas representações musicais oriundas das classes populares, especificamente o pagode, e apesar principalmente da sensibilidade etnográfica frente ao ponto de vista do nativo, é característico nesse repertório musical letras que tendem a estimular a violência contra as mulheres, particularmente à violência de gênero que está enraizada na nossa cultura e que acaba por legitimar outros tipos de violência. (SARDENBERG, 2011)

A questão é compreender como estes elementos mais tradicionais ou mais modernos interagem no cenário cultural da Vila de Matarandiba e principalmente que importância é dada a esses elementos para reconstrução de uma memória coletiva - reconstrução feita no presente a partir das experiências do passado. Dito de outra maneira, o objetivo é identificar e compreender a importância que é dada à relação entre os espaços, lugares e personagens na construção da identidade cultural.

Numa perspectiva que destaca a memória enquanto um fenômeno constituinte da identidade social, Michel Pollack vai problematizar três elementos que, segundo ele, compõem a memória individual ou coletiva: os acontecimentos, os personagens e os lugares. O autor chama atenção tanto para os acontecimentos, personagens e lugares reais e concretos, como também para possíveis projeções de outros eventos. Dito outra maneira, Pollack vai falar dos

eventos, pessoas e locais vividos pessoalmente ou simplesmente vividos por tabela, ou seja, quando não há uma participação efetiva, mas no final das contas a depender da importância que é dada a tais elementos é quase impossível saber se houve participação ou não. Nesse sentido, é possível falar de uma memória quase herdada: projeção ou identificação com determinado passado através de uma socialização política ou histórica (POLLACK, 1992).

Ao apresentar esses elementos, dando ênfase as projeções e transferências dos eventos, Pollack (1992) tem o objetivo de chamar atenção para o fato da memória ser seletiva, um fenômeno construído e ao mesmo tempo um elemento constituinte do sentimento de identidade. (POLLACK, 1992) Segundo o autor, “aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros.” (POLLACK, 1992 p 05)

Por fim, cabe verificar, através dos procedimentos etnográficos, o valor que é atribuído aos objetos tangíveis e intangíveis que compõem o patrimônio material e imaterial da Vila de Matarandiba, como parte do corrente processo de re-criação de identidades culturais e revalorização do ethos comunitário.

Nesse aspecto, Gonçalves (2005) reconhece o papel fundamental que o patrimônio desempenha na formação das subjetividades individuais e coletivas. Ele afirma que a categoria patrimônio exerce uma mediação com duas concepções de cultura, a clássica e a moderna. A primeira que considera a cultura como um contínuo auto-aperfeiçoamento humano e a segunda como expressão da alma coletiva. (GONÇALVES, 2005). Destaca, ainda, a coexistência na categoria de patrimônio de teorias opostas, universalistas e relativistas. Essa mediação o leva a reconhecer a presença de um arbitrário cultural³. Gonçalves vai afirmar que os patrimônios constituem um “centro que é histórica e culturalmente constituído, podendo assumir múltiplas formas no tempo e no espaço – formas institucionais, rituais e textuais.” (GONÇALVES, 2005, p.29).

CONSIDERAÇÕES

Como já salientado anteriormente, o papel desse ensaio é levantar questões relativas ao trabalho de campo, os pressupostos teóricos e etnográficos, sem falar nas subjetividades que envolvem o pesquisador no campo, sua relação com o nativo, dentre outros aspectos.

É um trabalho que tem o objetivo de mapear o campo, do ponto de vista econômico e sócio-cultural e ao mesmo tempo realizar um pequeno levantamento histórico. O mais

³ Concepção trazida de Marcell Mauss.

importante é tentar compreender as implicações frente aos processos de modernização na vila, a crescente retomada das práticas culturais e principalmente compreender a importância que a comunidade tem dado ao resgate da sua história, ou melhor, da sua memória coletiva. É partir da compreensão desses aspectos que é possível entender o ponto de vista do nativo, sua concepção de memória social, identidade e patrimônio cultural.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, Archimedes Ribas. **Representações sobre os museus de Salvador: Um estudo junto ao público universitário**. 2009. 114f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: Lembrança de velhos**. Ed. Companhia das Letras: São Paulo, 1994

CARNEIRO, Ceres Ferreira. **Paul Zumthor e as marcas da oralidade**. Disponível em: <http://www.primeiraversao.unir.br/artigo134.html>. Acesso em: 20 de agosto de 2010.

CHAUÌ, Marilena. **Cultura e Democracia: O discurso competente e outras falas**. São Paulo, Cortez, 1997.

CHOAY, Françoise. Introdução: Monumento e monumento histórico. In___ **A alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

DA MATA, Roberto. ‘O ofício do Etnólogo, ou como ter “Antropological Blues”’ In NUNES, E. de Oliveira (org) **A aventura sociológica**. RJ: Zahar, 1978.

FAVRET-SAADA. Jeanne. **Ser afetado**. Revista Cadernos de Campo. Vol. 13, n. 13, 2005. Tradução de Paula Siqueira. Disponível em: http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol13_n13_2005/cadernos_de_campo_n13_155-161_2005.pdf. Acesso em: 25 de julho de 2011

FRESSATO, Sol. **De mãos dadas com Memosine e Clio: Narradores de Javé**. Disponível em: www.museudapessoa.net. Acesso em: 10 de agosto de 2010.

GOLDMAN, Márcio, **Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica**. Revista Etnográfica, Lisboa, vol X(I), 2006, p.161 -173.

GONÇALVES, José Reginaldo S. **Ressonância, Materialidade e Subjetividade: A Culturas como patrimônios**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HALBWACHS, Maurice; tradução Laís Teles Benoir. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura Negra? In. _____. SOVIK, Liv. (Org) **Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte: Humanitas/Editora UFMG, 2003.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória Coletiva**. Disponível em: www.museudapessoa.net. Acesso em 10 de agosto de 2010.

LE GOFF, Jacques. **Memória**. In_ **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

NASCIMENTO, José. José Nascimento: depoimento [dez. 2009]. Entrevistadores: A. Rubim e A. Amazonas. Salvador: CULT, 2009. 1DVD (90min). Entrevista concedida ao Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade

NORA, Pierre. **Entre Memória e História:** A problemática dos lugares. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo, n. 10, Dez. 1993.

PEIRANO, Marisa. **A favor da etnografia.** UNB: Série Antropologia 130,1995. P. 01-21.

PINHO, Osmundo. **'Pagodão': Corpo, Historicidade e Contradição.** Disponível em: <http://www.geledes.org.br/em-debate/colunistas/12138-osmundo-pinho-pagodao-corpo-historicidade-e-contradicao>. Acesso em: 15 de Janeiro de 2012.

POLLACK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho. ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

SAHLINS, Marshall. 1985. Estrutura e história. In: **Ilhas de história.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SAHLINS, Marshall. Adeus aos tristes tropos: a etnografia no contexto da moderna história. In: **Cultura na prática.** Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 2007.

SANSONE, Livio. O Local e o Global na Afro-Bahia de Hoje. In: **Negritude sem Etnicidade: O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra do Brasil.** Salvador/Rio de Janeiro: EDUFBA/PALLAS, 2004.

SARDENBERG, Cecília. **Gênero e Memória: lembranças de operário e lembranças de operárias.** IN: PASSOS, Elizete; ALVES, Ívia; MACÊDO, Márcia. (orgs) Revista Metamorfoses: Gênero na perspectiva interdisciplinar. Salvador: EDUFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 1998. (Coleções Bahianas, 3)

SARDENBERG, Cecilia. **A Violência Simbólica de Gênero e a Lei “Antibaixaria” na Bahia.** Disponível em: http://observatoriodamulher.org.br/site/index.php?option=com_content&task=view&id=4022&Itemid=64. Acesso em: 02 de abril de 2012.

SIMSON, Olga Von. **Memória e cultura.** Disponível em: http://www.democratizacaoocultural.com.br/Conhecimento/Entrevistas/Paginas/080214_memoria.aspx. Acesso em: 10 de agosto de 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O Nativo Relativo.** Mana vol.8 no.1 Rio de Janeiro Abr. 2002

Outras Fontes

ECOSMAR. **Relatório do mapeamento de produção e consumo local.** Salvador, ITES, 2008. Não Publicado.

NARRADORES de Javé. Direção: Eliane Café. Produção: Eliane Café. Intérpretes: José Dumont, Matheus Nachtergaele, Nelson Dantas, Gero Camilo, Nélon Xavier. Brasil: Bananeira Filmes, 2003. 1DVD (100min) , widescreen, color.